

PONTOS PE VISTA: O que pensam outros especialistas?

SOBRE O IMAGINÁRIO

René Barbier*

Tradução: Márcia Lippincott Ferreira da Costa
Vera de Paula

A tradução do texto de René Barbier' vem responder à demanda sobre a conceituação de Imaginário Social. Acharmos extremamente importante esta contribuição de Barbier por abordar a questão do Imaginário na ótica de diversos autores em diferentes épocas.

Imaginário, imaginários... o fim do século XX parece favorável à extensão exagerada deste termo. Livros, filmes, coleções subitamente se voltam para este tema com a maior desenvoltura. O imaginário é vendável. Mas a hipóstase do imaginário proclamado não seria senão a máscara sutil de uma imaginação coletiva que não pára de empobrecer? As linhas de força centrais de nosso imaginário social não são aquelas marcadas pela nuclearização militar-científica, necessariamente ligada à informatização da sociedade civil e à narcização do político? As inovações sociais parecem se inscrever na lógica do sistema fechado sobre ele mesmo: é preciso cada vez mais assinalar as exceções para tentar esquecer o peso sociológico do conjunto. Ao equilí-

* Professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris VIII.

¹ Publicado originalmente em: *Revue Pratiques de Formation. Imaginaire et éducation (I): formation permanente*, Paris: Université de Paris VIII, n.8, p.33-42, dec. 1984.

brio do terror respondem o desequilíbrio psicoafetivo e os rigores da crise econômico-política. O antigo domínio "científico" do mundo está desaparecendo, e o espírito dubitativo radical se propaga em todos os setores, não sem enriquecer alguns vendedores de felicidade. A educação penetra evidentemente neste campo das representações imaginárias da cultura legítima. Vinculada à informática, ela participa do mito moderno, no quase absoluto desconhecimento das recaídas pedagógicas e das seqüências culturais. 1984, a era do condicionamento racional e burocrático se afirma na voz dos poderes públicos. O Ministério de Educação Nacional fala como um de seus colegas da Terceira República esquecendo as aquisições de um século de pedagogia ativa. Afirmando assim a identidade docente em termos de transmissão de saber, os responsáveis ministeriais atingem o cúmulo do imaginário enganador: a crença ingênua na racionalidade educativa. Tudo que serve para formar (valores, normas, instituições, idéias e materiais pedagógicos) engendra *ipso facto* um magma de representações e de significações imaginárias que se insere na práxis educativa e em suas realizações.

História de um conceito

O termo "imaginário" tem significados diferentes para cada um de nós. Para uns, o imaginário é tudo o que não existe; uma espécie de mundo oposto à realidade dura e concreta. Para outros, o imaginário é uma produção de devaneios de imagens fantásticas que permitem a evasão para longe das preocupações cotidianas. Alguns representam o imaginário como um resultado de uma força criadora radical própria à imaginação humana. Outros o vêem apenas como uma manifestação de um engodo fundamental para a constituição identitária do indivíduo.

A história do conceito de imaginário tomada em sua elaboração progressiva pode ser distinguida em três fases desde a antigüidade grega: uma fase de sucessão; uma fase de subversão; e uma fase contemporânea de autorização.

A fase da sucessão

Caracteriza-se pela atualização do pensamento racional e a potencialização da função imaginante do ser humano. Após os pré-socráticos, o pensamento grego impõe pouco a pouco um dualismo entre real e imaginário.

De um lado, a sensação, a percepção, as condutas adaptadas à realidade e de outro, a fantasia, o sonho, a fabulação, a arte. São dois domínios sem interação. Détienne e Vernant mostraram, a partir do século V a.C, o recalque de uma forma de inteligência da astúcia com finalidade prática que exigia a expressão de uma imaginação sutil e de uma atitude mental combinando o faro, a sagacidade, a capacidade de se virar na vida em atividades tão diversas como o saber fazer do artesão, a habilidade do sofista, a prudência do político ou a arte do piloto dirigindo seu navio.

Como escrevem os autores citados: "o universo intelectual do filósofo grego, contrariamente ao dos pensadores chineses ou indianos, supõe uma dicotomia radical entre o ser e o vir a ser, o inteligível e o sensível" (Détienne, Vernant, 1978, p.11). Mas na realidade esta separação só foi alcançada por um pequeno número de intelectuais da antigüidade. Dodds através de estudos dos textos, desde a epopéia homérica até o fim do século III

a.C, enfatiza a ingerência dos poderes do imaginário, de caráter sobrenatural, nos negócios humanos. Por volta de 432 a.C, em Atenas, a recusa em se crer no sobrenatural e o fato de se ensinar astronomia tornaram-se delitos e assim permaneceram por cerca de trinta anos (Dodds, 1977, p.198). As condições intelectuais da ciência são criadas a partir do século VI, mas estavam longe de triunfar. A própria filosofia (em Platão, por exemplo) continuará a fazer apelo ao mito e a justapor um grande rigor de raciocínio a concepções místicas ou religiosas.

Sócrates não hesitava em invocar seu "demônio" para fazer isto ou aquilo. Este demônio representava, para ele, uma espécie de voz interior divina que o orientava em suas condutas. Aristóteles, apesar de tudo, ultrapassa Freud, indicando no caso de sonho premonitório, que é nosso desejo ou nosso temor que suscitem a representação onírica de um evento provável ou mesmo que nós provocamos em seguida.

Plotino reforçará a ruptura entre o mundo inteligível e o mundo sensível, este último sendo pura degenerescência. Com o advento do cristianismo, é a tendência religiosa que prevalecerá durante algum tempo sobre a tendência científica grega. Mas o problema central da Idade Média será a conciliação entre a religião revelada e a argumentação racional. A sucessão grega vai reaparecer no Renascimento. Com o abandono do ideal contemplativo, surge a obrigação de criar um tipo de pensamento ao mesmo tempo rigoroso e apropriado aos fenômenos, aqueles que se oferecem efetivamente ao homem e do qual ele mesmo faz parte. A ação não é mais a antítese do conhecimento. Nada é indigno de ser conhecido, embora o que seja preciso é encontrar os métodos do conhecimento. Descartes, será reconhecido

por todos, ao mesmo tempo como modelo de rigor intelectual e fundador do racionalismo moderno.

O método cartesiano se reduz a duas operações: a intuição e a dedução, acompanhadas de critérios de certeza (evidência e rigor dedutivo). Mas não nos esqueçamos de que Descartes foi também o homem que experimentou sua primeira intuição metodológica como uma espécie de revelação divina ocorrida na noite de 9 para 10 de novembro de 1619 por intermédio de três sonhos reveladores (divinatórios). Ele fará cinco anos depois uma peregrinação à Itália para agradecer a Deus de tê-lo inspirado. Na verdade, Descartes, não foi o criador original que o mito científico consagrou. Ele estava bem dentro da linha de sucessão filosófica grega, mesmo que com alguns elementos regressivos em relação a seus recentes predecessores (Revel, 1970, p.123-163). De qualquer maneira, após Descartes, os filósofos vão julgar severamente a imaginação enquanto faculdade, modo de exercício do pensamento, a imagem que daí resulta é geralmente o imaginário; tanto mais enganador quanto mais pode se dar por real e verdadeiro. Nunca através de uma passagem pelo imaginário poderíamos aprender alguma coisa. Alain, depois Sartre, insistem sobre a única "realidade" material do imaginário: os movimentos do corpo aos quais ele dá lugar, por oposição à irrealidade material de seu conteúdo. Para Sartre, por ocasião da constituição do objeto irreal, o saber desempenha o papel da percepção e a este se incorpora o sentimento. Nós mantemos o domínio de todo o objeto irreal e ele pode desaparecer se nós o quisermos. Objetos fantasmas que nos desviam do real e que nos tornam inábeis quando devemos reencontrá-lo, como mostra Sartre (1940, p.168) na história de Annie. Para ele, há "um abismo que separa o imaginário do real"(p.188).

A cada instante, face a face com o real, nosso eu imaginário desagrega-se e desaparece, dando lugar ao eu real. Um exclui o outro necessariamente. Na criação mesmo, Alain sustentará que o artista opta deliberadamente pelo real contra o imaginário. Neste ponto de vista, o artista não é o contrário do sábio mas, muito mais o contrário do louco e do sonhador. Retomando o que Maryvonne Saison (1981, p.34) escreve em sua notável tese: "se nós radicalizarmos ao máximo a posição racionalista dualista de Sartre ou Alain, nós constatamos que o imaginário como irreal não pode entrar em uma relação positiva com o real. O ato criador se analisa unicamente em função do real, todo imaginário representando um entrave à criação". Nesta mesma linha está a abordagem lacaniana do imaginário. O corte é agora aquele do imaginário e do simbólico. Se fica algo do imaginário é que alguma coisa não funcionou na ascensão ao simbólico e é o caminho do delírio. Ligado à imagem visual, o imaginário é o signo de um fracasso da função simbólica do ser humano. O imaginário lacaniano é essencialmente destinado ao engodo, ao desconhecimento, à ilusão.

A fase da subversão

Ela vai se afirmar por uma atualização do imaginário e por uma potencialização do real/racional. Já entre os gregos a ambivalência era notável. Há uma espécie de impossibilidade de se desfazer do imaginário. Então por que não reconhecer seu valor positivo. Esta será a opção tomada pelo movimento romântico do século XIX: o imaginário torna-se o único real, e a imaginação, o caminho da realização. Para que o real exista, é preciso fazer um desvio pelo imaginário. A ruptura existe sempre entre o real e o

imaginário. O sonho é valorizado, a imaginação reina. Mas a ambigüidade permanece: "oscila-se entre a esperança, após o desvio provisório, de uma reconciliação Final do imaginário e do real, e a recusa definitiva de toda a realidade exterior para ouvir apenas as obscuras vozes interiores" (Saison, 1981, p.37). Com o surrealismo assistimos à tentativa de resolver o problema opondo desta vez o surreal ao par real/imaginário. Para os surrealistas trata-se antes de tudo de ampliar nossa percepção segundo uma expressão humana sobre todas as formas.

O elemento chave do surrealismo reside na nossa força psíquica liberada dos entraves das urgências perceptivas e de toda referência forçada a uma realidade exterior por intermédio da imagem. "A imagem surrealista desempenha o papel de um agente conciliador entre os contrários, por meio de coincidências fortuitas, ela associa o sujeito ao objeto, o espírito à matéria, o consciente ao inconsciente" (Eigeldinger). Apesar de tudo, como assinala M. Saison, a oposição entre exterior e interior, subjetivo e objetivo, consciente e inconsciente são sinais que o real e o imaginário não estão ainda reconciliados no surreal. Esta reconciliação é apenas uma esperança poética, o encontro com este ponto "gama" a que A. Breton (p.131-134) define assim: "tudo nos leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos contraditoriamente. Foi em vão que se procuraria para a atividade surrealista outro motivo que não fosse a esperança de determinação deste ponto".

Do ponto de vista social, o imaginário permanecerá potencialmente subversivo mantendo-se ao mesmo tempo oculto e volun-

tariamente ignorado. R. Lourau fala de dois tipos de luta de classe: a luta de classe conjuntural e a luta de classe transistórica. A primeira se exerce e se afirma no contexto de um desafio histórico balizado pela política instituída em um momento preciso. Ela se move no universo mortífero da racionalidade repressiva. A segunda, ao contrário, se inscreve no campo de uma permanência da poesia, da criação, da esperança revolucionária e remete a um contínuo onírico que não poderia reduzir-se a uma série de simples dilaceramentos no tecido da vida corrente e consciente. Sem acreditar em "um sentido de história predeterminada", Lourau (197-, p.84) sustenta que "o postulado de um *continuum* onírico não é mais delirante que "o postulado de um *continuum* do movimento social — revolucionário durante breves períodos — que perturba as formas estabelecidas, as dissolve lenta ou subitamente em direção de formas cada vez mais fluidas".

A fase da autorização

O fim do século XX abre a era da autorização na qual se assiste a um reequilíbrio da atualização e da potencialização dos pólos do imaginário e do real/racional. Sem dúvida, era preciso ter conhecido as duas primeiras fases de exclusão recíproca para poder chegar a esta terceira fase. Doravante, nos sentimos autorizados a reconhecer a importância e o bem fundado do imaginário e do real/racional. Seguindo a lógica da bipolaridade antagônica de S. Lupasco (1970), eu diria que entramos numa fase chamada de "estado T" onde uma semi-atualização e uma semipotencialização imaginária-real-racional tendem para um equilíbrio.

Bachelard foi o pioneiro desta fase de autorização em uma época que não era ainda de bom-tom valorizar a poética do devaneio.

Para ele a função do irreal é psiquicamente tão útil quanto a função do real. Durante sua atividade diurna, o homem constrói o real graças ao espírito científico que começa sempre por uma "catarse intelectual e afetiva". Trata-se, então, de se purgar todo o imaginário em proveito da abstração. Contrariamente ao que acreditava Réamur, o ar não pode ser comparado analogicamente a uma esponja, pelo menos para um cientista. Durante sua atividade noturna, o homem sonha o imaginário. Assim, o único modo de falarmos seriamente do imaginário é o de o criarmos nós mesmos permanentemente. Tornando-nos nós mesmos seu autor. "A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando as imagens tal qual elas se reúnem no devaneio. E absurdo se pretender estudar objetivamente a imaginação, visto que só recebemos realmente a imagem quando a admiramos" (Bachelard, 1965, p.46). Para Bachelard, entre o conceito e a imagem, nenhuma síntese é possível. O homem deve, pois, viver dividido entre estes dois pólos. Desta tensão desejada como tal podemos dizer como Gagey (1969), que Bachelard consegue escapar da separação entre dois modos de existência? Creio que não, e sobre este ponto concordo com Saison (1981, p.48): "se há aí uma intuição profunda, não existe, entretanto, matéria que nos faça concluir que se tenha ultrapassado o dualismo".

Na linha de Bachelard se encontra outro pioneiro, G. Durand, fundador do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário (C.R.I.) em Grenoble em 1966. Ele busca recensar, fazer um repertório, classificar e situar as imagens para fixar o imaginário concebido como: "conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital do *homo sapiens*" (Durand, 1969, p.12). G. Durand procura leis e desconfia de uma hermenêutica fundada essencialmente na intuição e na simpatia com o autor. De sua

coleta de imagens ele retira uma série de conjuntos constituídos em torno de núcleos organizadores (constelações e arquétipos). Este procedimento irrita Saison que vê aí uma utilização do imaginário como instrumento de normalização, notadamente através do estudo de um colaborador de G. Durand, Y. Durand sobre o tema do refúgio.

Mas Saison não se deixará levar por uma valorização ultramoderna do imaginário? A pesquisa exigente de G. Durand dá seus frutos hoje em numerosos laboratórios de ciências humanas dependentes do GRECO 56 (C.N.R.S.). Certamente o tipologismo do imaginário é algo que assustou com seu "imaginário coletado, recensado, classificado, do qual se pretende conhecer as leis, determinar as variações possíveis a partir de um fundo comum" (Saison, 1981, p.60) e os riscos de normalização são grandes. Como é igualmente perigosa a recuperação sem nenhuma vergonha das teses de G. Durand e M. Eliade pelos intelectuais da "nova direita" em suas revista, *Elementos* (ex. o número outono 1984 sobre "os mitos europeus").

O imaginário enquadrado pelo espírito científico pode permanecer um imaginário explosivo que todos os revolucionários recusarão? A estrada é difícil de seguir, mas não estou certo que G. Durand falhou sobre este ponto.

C. Castoriadis (1965) é o pensador que apresenta as melhores vias de acesso à plena realização desta fase de autorização. Ele escreve (p.65): "nós falamos de imaginário quando queremos falar de algo inventado, ou quer se trate de uma invenção 'absoluta' (uma história onde todas as peças são imaginadas) ou de um deslizamento, ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos

já disponíveis são investidos de *outras significações* distintas de suas significações 'normais' ou canônicas. Nos dois casos, fica claro que o imaginário se separa do real, que ele pretende se colocar em seu lugar (uma mentira) ou que ele não o pretende (um romance)". Para Castoriadis, o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para se exprimir, mas para existir e, inversamente, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária: ver numa coisa o que ela não é, vê-la outra que ela não é. O imaginário é obra de uma *imaginação radical*, não especular, permanente. O imaginário de que fala Castoriadis (1965, p.8) não é imagem de, "ele é criação incessante e essencialmente *indeterminada* (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens a partir das quais somente pode ser questão de 'qualquer coisa'. O que nós chamamos 'realidade' e 'racionalidade' são suas obras".

Este imaginário é ao mesmo tempo duplo (social-histórico e psíquico) e irresolúvel. O imaginário é finalmente a capacidade elementar e irredutível de evocar uma imagem, a faculdade originária de afirmar ou se dar, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não existe. O imaginário tanto psíquico quanto social depende da *lógica dos magmas* (Castoriadis, 1963) onde, qualquer que seja o esforço de racionalidade, o resíduo inexplicável permanece um magma, dinamizado por um fluxo incessante de representações, concebidas como expressões de uma imaginação radical e não como reflexo ou cópia de algo. "A representação é a apresentação perpétua, o fluxo incessante no e pelo qual qualquer coisa se dá. Ela não pertence ao sujeito, ela é, para começar, o sujeito... Ela é precisamente aquilo pelo que este 'nós' não pode jamais ser fechado em si mesmo, aquilo pelo que foge de todos os lados, se faz constantemente passar como outro que ele não 'é', se afirma na e pela posição de figura e ultrapassa toda figura dada" (Castoriadis, 1965, p.445).

O imaginário total é o imaginário radical que reina como social-histórico e como *psiquê-soma*. "Como social-histórico ele é o rio aberto do coletivo anônimo; como *psiquê-soma* ele é fluxo representativo/afetivo/intencional. Aquilo que no social-histórico é posição, criação, fazer ser, nós o denominamos *imaginário social*, no sentido primeiro do termo, ou sociedade instituinte. Aquilo que na *psiquê-soma* é posição, criação, fazer ser para a *psiquê-soma*, nós o chamamos *imaginação radical*" (Castoriadis, 1965, p.493).

Castoriadis me parece ser o pensador que melhor trabalha as duas pontas da problemática histórica do conceito de imaginário. De um lado, ele vai muito fundo nos meandros de suas significações psicológicas e sociais e de outro lado, ele resiste à tentação da submersão e o liga ao real/racional, embora o distinguindo, mas dando ao imaginário o primeiro lugar na evolução da relação imaginário/real/racional.

Talvez seja do lado de Mikel Dufrennes que encontramos uma compatibilidade fundamental entre real e imaginário. A imaginação se situa no prolongamento da natureza. Tal é a afirmação que nós privilegiamos assim como Saison na obra de Dufrennes: o corte não é mais entre real e imaginário, mas entre imaginação autêntica e imaginário irreal, criação vazia de uma imaginação estereotipada e esterilizante. É o que eu chamo de o *quimérico*, ao mesmo tempo subjetiva, irreal e incomunicável. Para Dufrennes, pelas grandes imagens, nós aprofundamos nossa percepção do real. Elas constituem o verdadeiro imaginário concebido como qualidade de percepção do real que exige uma prática, uma ação em relação a este real.

Ele é, de certa forma, um "pré-real", não é o homem que inventa ou fabula, mas a natureza nele e por ele, então: "o real escapa de

si mesmo e se exprime como pré-real no imaginário" (Dufrennes apud Saison, 1981, p.78). Para Dufrennes, aquele que tem o poder de imaginar é alguém inspirado. O imaginário torna-se a prova de nossa inserção profunda na natureza, da qual procedemos e da qual nós herdamos. Deste ângulo podemos sustentar a seguinte imagem: o imaginário é o perfume do real. Por causa do odor da rosa eu digo que a rosa existe.

A imaginar, como Bachelard, no que concerne à compreensão do mundo humano: "a simpatia é o fundo do método" — eu sei que um outro mundo mais justo, mais humano, mais solidário e executável já está em curso de realização em meu "imaginável", como diz M. Saison. A fase da autorização atingirá seu apogeu no dia em que o imaginável prevalecer sobre o quimérico, no cerne de um pensamento humano, tomando consciência de sua hipercomplexidade e de sua relação intrínseca com o ecossistema a que ela pertence. Os caminhos começam a ser desbravados, mas a estrada ainda é longa².

Propostas de definições

O real

Só existe o real que é o desconhecido da matéria.

Seria necessário citar muitos outros autores da linha de desbravamento em particular J. Duvignaud por sua exploração do Imaginário do teatro, da festa, do jogo; E. Morin pelo Imaginário da morte, do cinema, do *star-système*, da abertura do fim do século XX e ao reconhecimento criativo de seus mitos irredutíveis, e sobretudo M. Eliade por seu trabalho de hermenêutica dos mitos e dos simbolismos que percorrem as diversas culturas.

A raiz do real, o real velado, é o que escapa à associação do simbólico.

O imaginário é uma função do real complexo (ser humano).

O simbólico é uma criação permanente do fluxo imaginário em seu componente "imaginável".

A realidade é o real retirado pelo imaginário e velado, prefigurado pelo simbólico.

Esbarramos contra o real, mas nos apoiamos na realidade.

O imaginário

O imaginário-fonte é a faculdade de criação radical de formas/figuras/símbolos, tanto psíquico quanto social-históricos, que se exprimem no representar/dizer dos homens.

O imaginário-processo é o desenrolar e o desenvolvimento do imaginário-fonte.

O imaginário-efetivo é o resultado simbólico ou quimérico do curso do imaginário-processo.

O imaginável

Aquilo que no imaginário permite subtrair uma parte do real para prefigurá-lo, "dá-lo a ver", de um modo polissêmico, equívoco e ambivalente num campo simbólico.

O que permite ao imaginário ser agente de criação do mundo.

O quimérico

Resultado de uma perda do real aproximado (ou realidade) num processo de expansão exagerada do imaginário irreal que se acompanha sempre de uma redução considerável e inconsciente da polissemia, da equivocidade e da ambivalência das significações e das representações.

Deriva do imaginário longe da realidade.

O simbólico

Conjunto das traduções do imaginável num e por um código, uma estrutura de significações socialmente admitidas.

Distinguiremos no simbólico:

— a sistemática: código científico que se exprime por uma grande redução da polissemia graças a uma convenção arbitrária;

— a simbólica: conjunto do que exprimem as artes e as diferentes espiritualidades pelo artifício de símbolos e mitos. Ela supõe uma decodificação e uma hermenêutica.

O ideológico

Sistema de idéias, de significações e de representações retiradas do simbólico e aproximando-se do quimérico por um processo de racionalização redutora, cada vez mais sofisticado.

A realidade

Real aproximado: aquilo que podemos compreender e apreender do real pelo artifício necessário do simbólico.

O imaginário como caminhada do real

Na sua aventura e no seu fluxo migratório o imaginário vem chegar ao real, mas este não é outra coisa que aquele. Resultado de uma atividade químico-elétrica das células cerebrais, o imaginário é o real-mundo o qual se exprime pelo modo *da physis*. O imaginário diz o caminho do real no cérebro humano. Podemos compreender o imaginário analogicamente como uma onda e uma partícula. Enquanto fluxo particular, o imaginário exterioriza o real arrancando-lhe fragmentos constantemente renovados que se inscrevem, transformados em um campo simbólico.

Mas como onda, o imaginário é o real total como expressão de um todo na sua singularidade imaginante.

É por este motivo que o imaginário separa e unifica ao mesmo tempo. O real fragmentado, levado pelo fluxo do imaginário só pode ser reconhecido cientificamente através de conceitos e de teorias disjuntivas ou através de simbolismos religiosos que se amparam em uma de suas supostas coerências em detrimento de todas as outras, já pensada ou a serem pensadas. No seu ponto de junção com o quimérico, a deriva imaginário-real desemboca no fechamento psicótico, separação radical de uma visão.



Referências bibliográficas

BACHELARD, G. *La poétique de la rêverie*. Paris: P.U.F., 1965.

BRETON, A. *Manifeste du surréalisme*. Paris: Gallimard, [19—].

CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1965.

_____. *La logique des magmas et la question de l'autonomie*. In: DUMOUCHEL, M., DUPUY, J.P. *L'auto-organisation, de*

la physique au politique. Paris: Seuil, 1963. Trabalho apresentado no Colloque de Ceresy.

DÉTIENNE, M., VERNANT, J.P. *Les ruses de l'intelligence, la méis des grecs*. Paris: Flammarion: Champ, 1978.

DODDS. *Les grecs et l'irrationnel*. Paris: Flammarion: Champ, 1977.

DURAND, G. *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Bordas, 1969.

GAGEY, J. *G.Bachelard ou la conversion à l'imaginaire*. Paris: Marcel Rivière, 1969.

LOURAU, R. *L'Etat inconscient*. Paris: Ed. Minuit, [197-].

LUPASCO, S. *Les trois matières*. Paris, 1970.

REVEL, J.F. *Histoire de la philosophie occidentale*. Paris: Stock, 1970. t.2

SAISON, M. *Imaginaire, imaginable, parcours philosophique à travers le théâtre et la médecine mentale*. Paris: Klincksiack Esthétique, 1981.

SARTRE, J.P. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940.